

ALGUMAS PALAVRAS À GUIA DE PREFÁCIO

Prefaciar ou apresentar uma obra é, antes de tudo, uma honra, um privilégio e uma responsabilidade! Uma honra, porque significa que quem a escreveu confia na gente, e o que escrevemos, decerto, ajudará a enriquecer a publicação. É um privilégio porque, pelo menos em tese, a gente lê a obra antes de qualquer outro mortal. É também uma baita responsabilidade, pois a tarefa é assim como um novo parto para a obra, e sobre esta parição sempre se depositam as melhores expectativas, pois obviamente as pessoas começam a ler um livro pelo início, e, desta forma, acabam por ler o prefácio antes do conteúdo do livro.

Geralmente pede-se um prefácio a uma pessoa famosa, ou, então, a um amigo, ainda que não seja famoso. Como não me incluo na primeira hipótese, acredito que a autora me incluiu na segunda opção. Então, honra-me muito poder escrever estas linhas, mesmo estando convicto de que esta é uma missão um tanto quanto inútil, já que a escritora e as obras dela se impõem por si só, não necessitando de “cartas de apresentação”. A despeito de tudo isto, procurarei exercitar a missão para a qual eu fui convocado.

Sei que este não é o primeiro livro de Maria Aparecida Fraga da Silva Chaves, a “Cida Chaves”. Sei também que ele não será o último, já que ela não ousaria em paralisar as suas atividades para descansar sobre os louros colhidos com as obras já publicadas.

Sob o título de “25 anos na Tribuna” a publicação traz a lume a produção de um quarto de século de palavras colecionadas no jornal “Tribuna Sanjoanense”; traz também, ao mesmo tempo, a compreensão da realidade sob o experiente olhar de muitos anos de dinâmica vivência d’uma escritora que já atuou, atua e ainda atuará em muitas outras tribunas.

Cida Chaves nasceu numa terra que foi ponto de travessia das monções voltadas inicialmente para a povoação das terras goianas ou mato-grossenses, terra ardorosamente defendida pelos índios caingangues, numa região a oeste da Serra de Botucatu e do espigão da Serra dos Agudos, um território que nunca admitiu o sistema escravagista. Para nosso gáudio, a autora veio para Minas Gerais. Então, aqui na terra do Tiradentes, nestas “muitas Minas” que, como bem disse Tancredo Neves, tem por outro nome a Liberdade, Cida Chaves galgou aspérrimas brenhas, desbravou matos incultos, caminhou por veredas penhascosas e conquistou naturalmente a admiração dos mineiros: o que ela sempre se propôs a fazer produziu e ainda produz resultados exemplares, práticos, urgentes e necessários.

O que vai escrito neste livro são memórias pessoais, locais e regionais das quais muitos já se esqueceram, são amostras fiéis das nossas labutas diárias, das canseiras que são gratificadas pelos bons resultados dos trabalhos, ainda que estes sejam sempre recheados por muitas vicissitudes. Tudo que aqui vai escrito colabora para retirar certas coisas e pessoas da penumbra e da poeira do tempo, servindo para notabilizar as nossas mais penosas e complexas realizações; são relembramentos de valores que não devem permanecer adormecidos, mas que, impregnados de retromodernidade, deveriam de servir como rumo para as gerações hodiernas e futuras.

A composição desta obra, na forma de crônicas, contos, casos, causos e poesias, apresenta-se com clareza e elegância. Cida Chaves sempre compreendeu bem a alma do povo e a traduziu em palavras que elevam os assuntos bem acima das simples teorias ou ideologias; ela soube rememorar assuntos sem repisá-los, fazendo tudo isto através de uma forma de escrita que, sem a pedanteria provinciana, fica o mais próximo possível da linguagem falada. Cida Chaves falou do povo, da terra, do céu, do inferno, das águas, dos animais, da vegetação, plasmou tipos regionais e psicologias próprias, falou do nosso quintal sem ser bairrista e conseguiu fazer tudo isto sem resvalar no simplismo, no populismo ou na vulgaridade; tudo veio pintado com pinceladas de modernismo e de internacionalismo no âmbito literário, artístico e cultural. A precisão, a meticulosidade descritiva e o esmero na linguagem honraram a inteligência e a cultura da autora. Os seus textos revelaram facetas da vida de homens e de mulheres, deixando claro para quem frequenta esta vida que as batalhas não são vencidas apenas pelos comandantes, mas, especialmente, com o concurso heróico de rastos soldados.

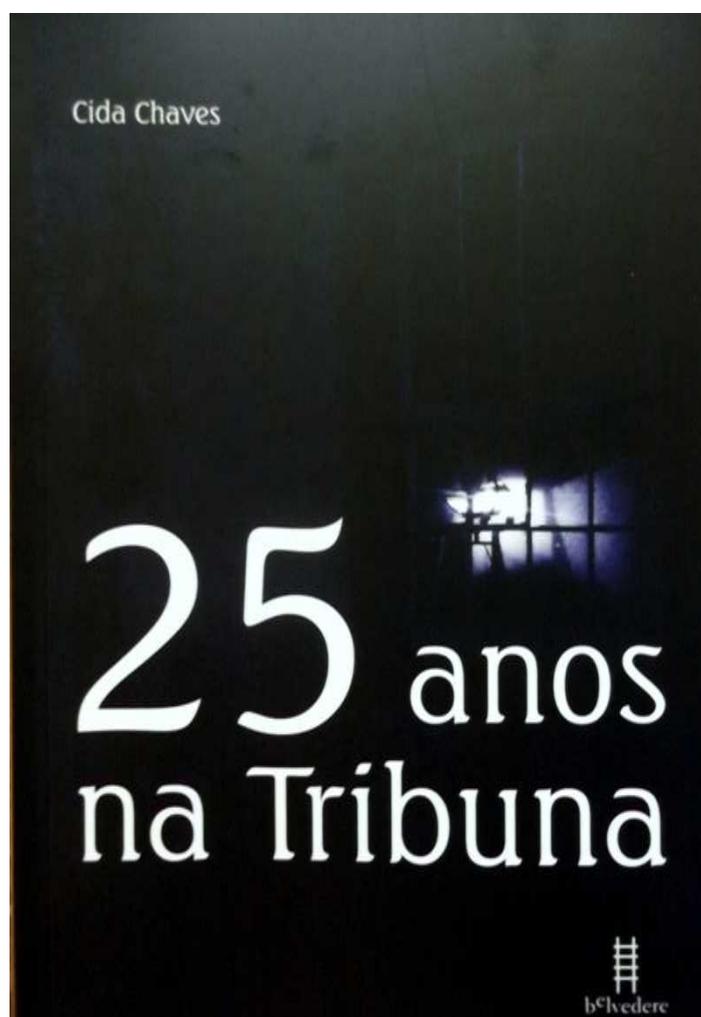
Então eu, admirador da escritora desde há muito tempo, também herdeiro e cultor das velhas amizades de família, não poderia deixar de observar que a reverência da autora permitiu-lhe dedicar esta obra a dois luminares da nossa região: ao sogro, dr. Tobias Resende Mendonça Chaves, e ao meu tio materno, José de Alencar Ávila Carvalho. Fico com a mais absoluta certeza de que se ambos ainda estivessem vivos, pela grandeza, sapiência e humildade de cada um, pela admiração e respeito que eles sempre devotavam à autora, alegrar-se-iam comigo e, de muito bom grado, subscreveriam as palavras que eu aqui escrevo.

Sem mais delongas, penso que se as pessoas conseguiram ler o que eu escrevi até aqui, estarão muito mais prontas para ler e a se deleitar com a obra de Cida Chaves. Quem tiver a ventura de degustar as páginas

José Antônio de Ávila Sacramento
www.patriamineira.com.br

deste livro perceberá a concretude da obra de uma autora que não haverá de lamuriar por histórias que ainda não contou. Alegrar-me-ei se a análise dos leitores e das leitoras descobrirem outros adjetivos que superem os que aqui foram expostos para qualificar a obra referenciada. Quanto a mim, segundo a minha consciência, já me contento com esta apreciação, e, então, desta forma, tenho dito!

José Antônio de Ávila Sacramento



Capa do livro *25 anos na Tribuna: histórias e estórias – Coletânea de artigos*, de Cida Chaves.
Editora Belvedere - Juiz de Fora-MG, 2013

São João del-Rei - Minas Gerais - Brasil